



# A Santa Sé

---

## ***ALOCUÇÃO DO PAPA JOÃO PAULO II NO FINAL DA VIA-SACRA NO COLISEU***

*13 de Abril de 1979*

1. Quando percorremos a *Via-Sacra*, de uma estação para a outra, com o nosso espírito nós estamos sempre presentes lá longe *onde esta caminhada teve o seu lugar «histórico»*: lá onde ela se verificou, ao longo das ruas de Jerusalém, desde o Pretório de Pilatos até à elevação do Gólgota, ou seja do Calvário, já fora dos seus muros.

Deste modo, também hoje, novamente lá estivemos com o nosso espírito, lá na Cidade do «grande Rei», o qual, como sinal da própria realeza, escolheu a coroa de espinhos em vez da coroa real, e a Cruz em lugar do trono.

Não tinha razão Pilatos quando, ao mostrá-lo ao povo que esperava de fora a sua condenação, em frente do Pretório *para não se contaminarem e poderem comer a páscoa (Jo 18, 28)*, disse, não «Eis aqui o rei», mas sim *Eis aqui o homem (Jo 19, 25)*? E desse modo revelou qual era o programa do seu reino, que quer estar livre dos atributos do poder terrestre a fim de desvendar os pensamentos de muitos corações (Cf. *Lc. 2, 35*) e a fim de aproximar deles a Verdade e o Amor que provêm de Deus.

*O meu reino não é deste mundo ... Para isto é que nasci e para isso é que vim ao mundo: para dar testemunho da verdade (Jo. 18, 36-37)*

Este testemunho ficou a repercutir-se pelas esquinas das ruas de Jerusalém, e nas curvas da *Via-Sacra*—lá por onde Ele caminhou, onde caiu três vezes, onde aceitou a ajuda de Simão de Cirene e o lenço de Verónica e onde falou a algumas mulheres que choravam sobre Ele.

E ainda hoje nós estamos anelantes por este testemunho. Desejamos conhecer todos os seus pormenores. Seguimos os passos da *Via-Sacra* em Jerusalém e igualmente em muitos outros lugares do nosso globo; e todas as vezes se nos afigura estarmos a repetir a este Condenado: *Para quem havemos nós de ir, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna (Jo 6, 68)*.

2. Ao fazermos assim a *Via-Sacra* no Coliseu de Roma, nós estamos também a seguir as pegadas de Cristo, cuja Cruz se encontrava nos corações dos Seus mártires e confessores. Eles anunciavam Cristo crucificado qual *potência de Deus e sabedoria de Deus* (1Cor. 1, 24). Unidos ao mesmo Cristo eles tomavam cada dia a Cruz (Cfr. Lc. 9, 23), quando isso era necessário, como Ele morriam sobre a Cruz, ou então morriam nas arenas da antiga Roma, dilacerados pelas feras, queimados vivos, ou torturados. A potência de Deus e a sabedoria de Deus reveladas na Cruz manifestavam-se assim mais potentemente nas fraquezas humanas. Eles não somente aceitavam os sofrimentos e a morte por Cristo, mas iam até ao ponto, à semelhança d'Ele, de amar os perseguidores e os inimigos: *Perdoa-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem* (Lc. 23, 34).

É por isto que a *Cruz se ergue sobre as ruínas do Coliseu de Roma*.

Ao olharmos para esta Cruz, a cruz dos inícios da Igreja nesta Capital e a cruz da sua história, nós devemos sentir e exprimir uma *solidariedade* profunda com todos os nossos irmãos na fé que, também no nosso tempo *são objecto de perseguições e de discriminações* em diversas partes da terra. Pensemos sobretudo naqueles que, num certo sentido, são hoje condenados à «morte civil», com a recusa do direito de viverem segundo a própria fé, o próprio rito e segundo as próprias condições religiosas. Ao olharmos para a cruz no Coliseu, peçamos a Cristo que não lhes falte — a eles, como não faltou àqueles que outrora aqui sofreram o martírio — a potência do Espírito, da qual têm necessidade os confessores e os mártires do nosso tempo.

Ao olharmos a Cruz no Coliseu, nós sentimos uma união ainda mais profunda com eles, uma solidariedade ainda mais forte.

Do mesmo modo que *Cristo tem um lugar particular nos nossos corações* em virtude da sua Paixão, assim também eles. Nós temos o dever de falar desta paixão dos Seus confessores contemporâneos, e dar testemunho deles perante a consciência de toda a humanidade, que proclama a causa do homem como finalidade principal de todo o progresso. Como se hão-de conciliar tais afirmações com a lesão que é infligida a tantos homens, os quais — olhando para a Cruz de Cristo — confessam Deus e anunciam o Seu Amor?

3. Cristo Jesus! Nós estamos para concluir este santo dia da Sexta-Feira Santa aos pés da Vossa Cruz. Assim como outrora em Jerusalém estavam aos pés da Cruz a Vossa Mãe, João, Madalena e outras mulheres, também nós estamos hoje aqui. Estamos profundamente emocionados pela transcendência do momento. Faltam-nos as palavras para exprimirmos tudo aquilo que sentem os nossos corações.

Nesta noite, quando — depois de Vos haver descido da Cruz, Vos depuseram num sepulcro aos pés do Calvário — nós desejamos suplicar-vos que fiquis connosco mediante a Vossa Cruz:

Que permaneçais Vós, que pela Cruz Vos haveis separado de nós.  
Suplicamo-Vos que permaneçais com a Igreja;  
que permaneçais com a humanidade;  
que não Vos impressioneis com o facto de muitos, talvez,  
passarem indiferentes ao lado da Vossa Cruz,  
de alguns se afastarem dela e de outros não chegarem a aproximar-se.

E contudo, nunca tanto como hoje, talvez,  
o homem terá tido necessidade desta força e desta sabedoria que sois Vós mesmo,  
mediante a Vossa Cruz!

Então ficai connosco,  
neste penetrante «mysterium» da Vossa morte,  
no qual haveis revelado quanto «Deus amou o mundo» (Cfr. *Jo*, 3, 16).  
Ficai connosco e atraí-nos a Vós (Cf. *Jo*. 12, 32).  
Vós, que haveis caído debaixo desta Cruz.  
Ficai connosco, mediante a Vossa Mãe,  
à qual do alto da Cruz haveis confiado de modo particular cada um dos homens (Cfr. *Jo* 19, 27).

Sim, permanecei connosco!

*Stat Crux, dum volvitur orbis!*

Sim, «a Cruz está erguida sobre o mundo que vai girando! ».

© Copyright 1979 - Libreria Editrice Vaticana